



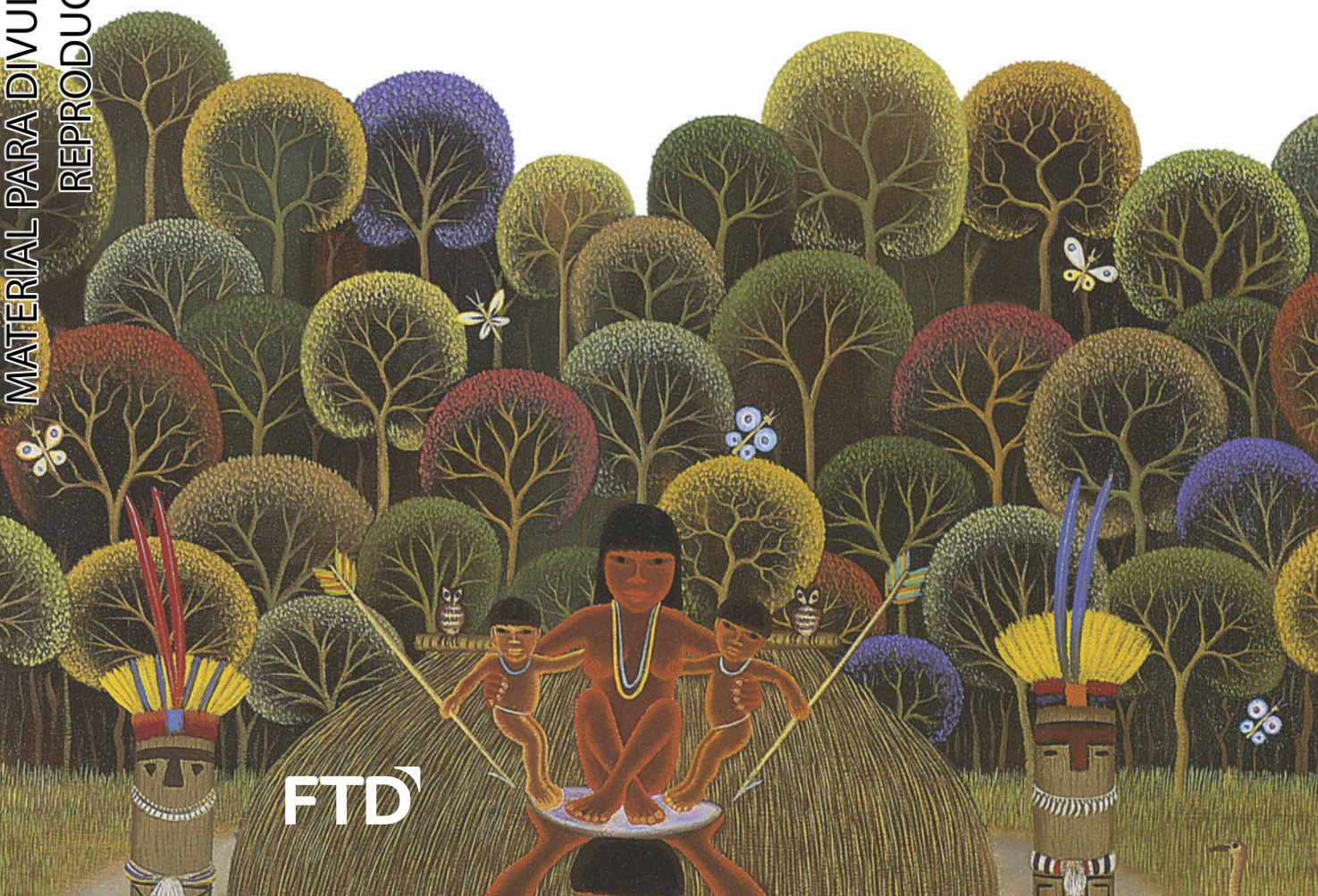
Conto

Mandioca - o pão indígena

do livro:

Lendas e mitos dos índios brasileiros

Walde-Mar de Andrade e Silva





Copyright © Walde-Mar de Andrade e Silva, 2015
Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP

CEP 01326-010 – Tel. (0-XX-11) 3 598-6000

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

Internet: www.ftd.com.br

E-mail: projetos@ftd.com.br

Diretora editorial Ceciliany Alves

Editora executiva Valéria de Freitas Pereira

Editora Cecilia Bassarani

Editor assistente J. Augusto Nascimento

Preparadora Bruna Perrella Brito

Revisora Débora Andrade

Editora de arte Andréia Crema

Diagramadora Sheila Moraes Ribeiro

Diretor de operações e produção gráfica Reginaldo Soares Damasceno

Walde-Mar de Andrade e Silva nasceu em 1933, em uma fazenda às margens do rio Itararé, interior do estado de São Paulo. É artista plástico, escritor, ator e pesquisador de cultura indígena. Passou anos vivendo entre grupos étnicos do Parque Indígena do Xingu, com o apoio dos irmãos Villas Bôas.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Walde-Mar de Andrade e
Lendas e mitos dos índios brasileiros / Walde-Mar
de Andrade e Silva ; [ilustrações do autor]. – 4. ed. – São
Paulo : FTD, 2015.

ISBN 978-85-20-00100-4

1. Índios da América do Sul – Brasil 2. Índios da
América do Sul – Lendas 3. Índios da América do Sul –
Mitologia I. Título.

15-01284

CDD-980.1
-299.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Índios : Brasil : Lendas 980.1
2. Índios : Brasil : Mitologia 299.8

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

Lendas e mitos dos índios brasileiros

Walde-Mar de Andrade e Silva

4ª edição

FTD

São Paulo | 2015

Mandioca

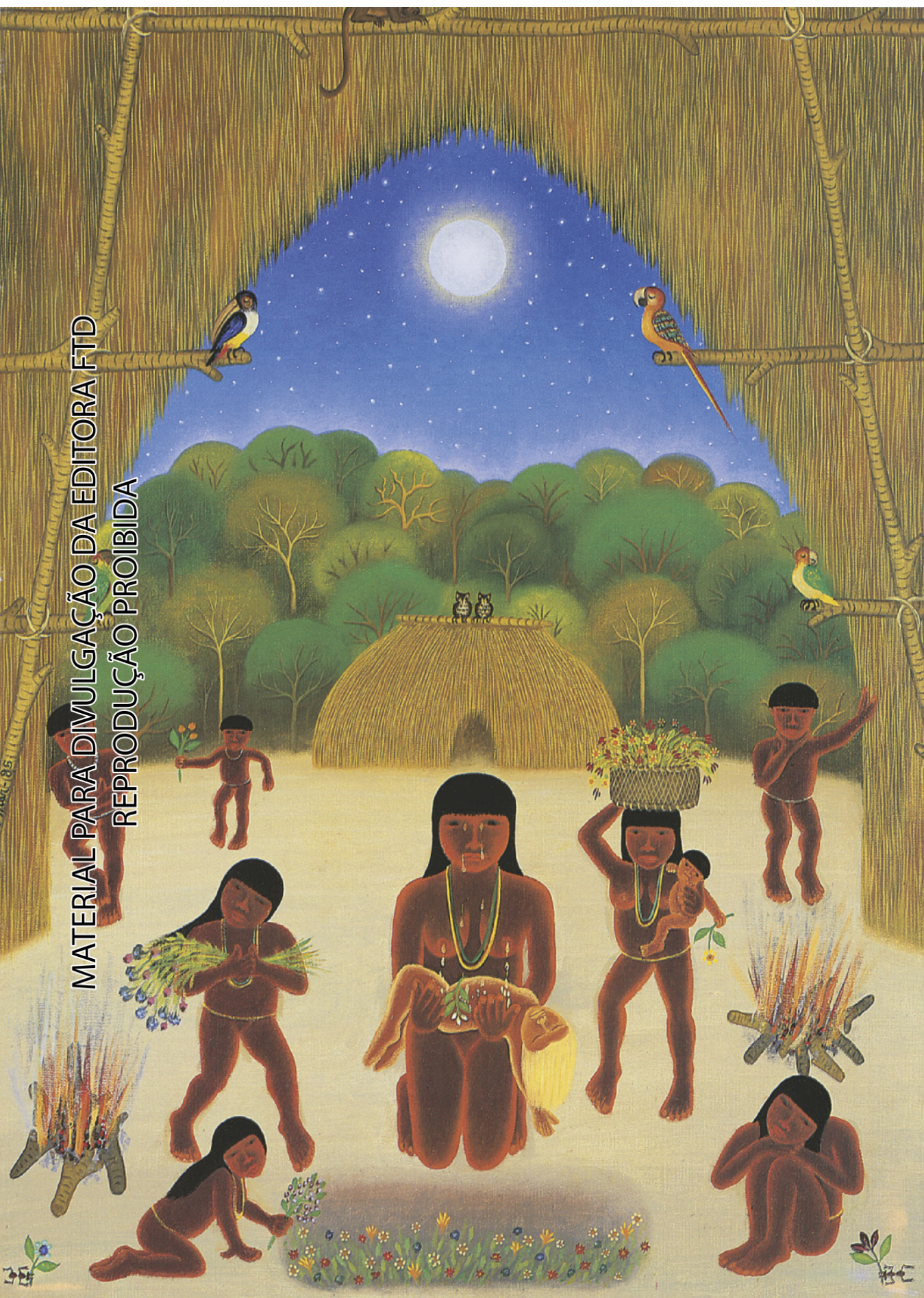
O pão indígena

Tupi

Mara era uma jovem índia, filha de um cacique, que vivia sonhando com o amor e um casamento feliz. Em noites quentes, enquanto todos dormiam, deitava-se na rede ao relento e contemplava a Lua, alimentando seu desejo de tornar-se esposa e mãe. Porém, não havia na aldeia jovem algum a quem daria seu coração.

Certa noite, Mara adormeceu na rede e teve um sonho estranho. Um jovem loiro e belo descia da Lua e dizia que a amava. O sonho repetiu-se muitas vezes, e ela acabou por apaixonar-se. Entretanto, não o contou a ninguém.

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



O jovem, depois de haver conquistado o coração dela, desapareceu de seus sonhos, deixando-a mergulhada em profunda tristeza.

Passado algum tempo, a filha do cacique, embora virgem, percebeu que esperava um filho. Contou então a seus pais o que sucedera; a mãe deu-lhe seu apoio, mas o severo pai, não acreditando no que ouvira, passou a desprezá-la.

Para surpresa de todos, Mara deu à luz uma linda menina, de pele muito alva e cabelos tão loiros quanto a luz do luar. Deram-lhe o nome de Mandi, e na aldeia ela era adorada como uma divindade.

Pouco tempo depois, a menina adoeceu e acabou falecendo, deixando todos amargurados. Somente seu avô, que nunca aceitara a netinha, manteve-se indiferente. Mara sepultou a filha em sua oca, por não querer separar-se dela. Desconsolada, chorava todos os dias, de joelhos, diante do local, deixando cair leite de seus seios na sepultura. Talvez assim a filhinha voltasse à vida, pensava. Até que um dia surgiu uma fenda na terra de onde brotou um arbusto. A mãe surpreendeu-se, talvez

o corpo da filha desejasse sair dali. Resolveu então remover a terra, encontrando apenas raízes muito brancas, como Mandi, que, ao serem raspadas, exalavam um aroma agradável.

Naquela mesma noite, o jovem loiro apareceu em sonho ao cacique, revelando a razão do nascimento de Mandi. Sua filha não mentira. A criança havia vindo à terra para ter seu corpo transformado no principal alimento indígena. O jovem ensinou-lhe como preparar e cultivar o vegetal.

No dia seguinte, o cacique reuniu toda a aldeia e, abraçando a filha, contou a todos o que acontecera. O novo alimento recebeu o nome de mandioca, pois Mandi fora sepultada na oca.